B184,298

Presented to the

LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Gomes de Rocha Madahil

Digitized by the Internet Archive
in 2012 with funding from
University of Toronto

http://archive.org/details/livrodoinfantedp00sant

LIVRARIA DO POVO

N.º 17

LIVRO

DO

INFANTE D. PEDRO

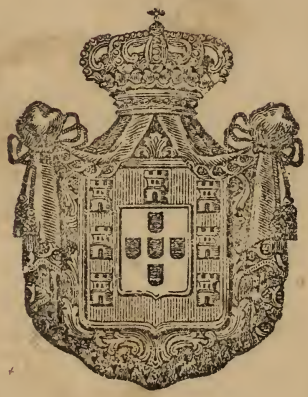
DE PORTUGAL

O QUAL ANDOU AS SETE PARTIDAS DO MUNDO

FEITO POR

GOMES DE SANTO ESTEVÃO

UM DOS DOZE QUE FORAM NA SUA COMPANHIA



PORTO — EM CASA DE A. R. DA CRUZ COUTINHO

RUA DOS CALDEIREIROS, 18 E 20

1875

LIVRO

DO

INFANTE D. PEDRO DE PORTUGAL

De como o infante D. Pedro de Portugal partiu da villa de Barcellos, para ir ver as sete partidas do mundo.

O infante D. Pedro foi filho de el-rei D. João, o primeiro d'este nome, o qual era conde de Barcellos, e foi muito desejoso de ver terras. Tendo determinado ir ver as sete partidas do mundo, saiu um dia á tarde com os seus, estando em Barcellos, que foram sete dias; depois de ter companhia para saber as partidas do mundo, e então se lhe offereceram muitos para ir com elle, mas não quiz levar comsigo senão doze companheiros, em lembrança dos doze apostolos, com elle treze, como nosso Senhor Jesus Christo com os seus discipulos. Partimos de Barcellos, para pedir licença a el-rei de Portugal, seu pae, que lhe pezou muito de que seu filho quizesse passar áquellas partes: mas emfim lhe deu licença com muito grande tristeza, e lhe deu doze mil peças de ouro.

De como o infante D. Pedro foi a Valhadolid fazer reverencia a el-rei de Castella, seu tio

D'alli partimos para Valhadolid a fazer reverencia a el-rei D. João, o segundo de Castella, e como el-rei soube que seu sobrinho queria passar o Levante, para saber as partidas do mundo, teve mui grande prazer, e mandou-lhe dar vinte e cinco mil peças, e deu-lhe um lingua que se chamava *Garcia Ramires*, o qual era pratico no latim, grego, hebraico, caldeo, turco, arabio, indiano, e outras mais. O dito *Garcia Ramires* teve grande prazer por ir comnosco. Foi el-rei acompanhar-nos até uma legua de Valhadolid, e alli se despediu d'elle o infante D. Pedro.

De como o infante chegou á cidade de Veneza, e alli nos embarcamos

Logo fomos nosso caminho direito á cidade de Veneza, vendemos as cavalgaduras em um logar perto da cidade, embarcamos em uma nau, na qual passamos até ao reino de Chypre, e alli fomos fazer reverencia á rainha da cidade de Nicocia, a qual estava mui triste por seu marido, que o tinham preso os turcos, e disse-nos: «Amigos, de que geração sois?» Fallou *Garcia Ramires*, e respondeu: «Somos vassallos de el-rei de Leão, de Hespanha, e entre nós vem um seu parente.» Disse a rainha: «Prouvera a Deus que a provincia de el-rei de Hespanha estivera perto do nosso senhorio, e nos podéramos soccorrer uns aos outros; porque assim foram os inimigos da fé menos poderosos».

De como partimos de Chypre, a fazer reverencia ao gran turco, á cidade de Mandua

Alli pedimos licença para ir adiante, e fomos á Turquia, á cidade de Mandua, cuidando achar n'ella o gran turco, não o achamos. Fomos então á cidade de Patrasso, onde elle estava, e alli lhe fizemos reverencia. Perguntou-nos: «De que geração sois?» Fallou o lingua, e disse que eramos pobres companheiros, e tinhamos vontade de ir ver todas as provincias e reinos do mundo; mandou que pagassemos salvo conducto, e nos fossemos com a benção do Creador. Alli pagamos vinte e seis peças de ouro, duas por cada um, e pedindo-lhe licença para passar por sua provincia, mandou ir dois guias comnosco. E d'alli fomos á cidade de Constantinopla, que é de cem mil vizinhos. Primeiro que entrassemos na cidade, atravessamos tres palanques de fossos, e quatro cêrcas, porque se temia do gran mestre de Rhodes, e estava fortificada de maneira que não podesse entrar. Alli nos tomaram os regedores da cidade, e nos entregaram a um estalajadeiro, e foi um companheiro á praça, e trouxe duas postas de dromedario, por não haver vacca nem carneiro, e havia falta de mantimentos; pedimos licença aos regedores para nos ir, porque não podiamos sair sem ella. Partimos d'alli, e atravessamos pela terra dos gregos e macedonios, passamos um deserto de quatorze jornadas, subindo uma grande serra, d'onde apparecia a terra de Jerusalem, e andamos perdidos muitos dias. Depois chegamos a uma ermida, e achamos n'ella um beato, o qual nos disse fossemos fazer oração, e vimos dentro mais de vinte corpos mirrados. Perguntamos ao beato que homens eram aquelles? Disse que eram reis e principes d'aquella terra, e depois convidou-nos para comer. E ao outro dia disse que não passassemos por aquella terra da mão esquerda, porque era do norte da Noruega, onde não havia, no inverno, mais

que quatro horas no dia, e vinte na noite. Partimos d'alli por grandes serras e desertos cheios de neves, e caminhamos alguns dias com muito trabalho, assim por serem pequenos, como pelo grande frio que fazia, não fomos ávante. Andamos tres jornadas de dromedario, que são quarenta leguas a jornada, que anda cada um dromedario, e leva sobre si quatro homens, com todo o necessario para elles, pão, agua, mel, manteiga, figos, passas e outras cousas necessarias, com tres ou quatro saccos de tamaras para comer o dromedario, porque não come outra cousa. Ha umas bolas de algodão para metterem nos ouvidos dos homens que vão n'elles, ao redor das orelhas, porque se fossem de outra maneira perderiam o sentido com o grande estrondo que faz o dromedario; tem feito cestos, como de aguadeiros, e em cada cesto vae um homem atado pelo corpo, porque não os derribem com a grande força que levam.

De como fomos a Babylonia fazer reverencia ao gran Babylão

D'alli fomos a Babylonia a povoada, e fizemos reverencia ao gran Babylão, que é filho do sultão, o qual perguntou de que geração eramos, pois andavamos pela provincia sem licença, e que dissessemos a verdade se entre nós vinha algum principe ou rei. Fallou o lingua, e disse: «Nunca Deus queira que entre nós venha tal homem. Somos pobres companheiros, vassallos de el-rei de Leão de Hespanha; é nossa vontade ir ao preste João das Indias. Mandou-nos que repousassemos, que queria ouvir novas de el-rei de Leão, para saber se era tão grande cousa como se dizia. Alli nos deteve quatorze dias, contando-lhe novas do Poente. E então disse *Garcia Ramires* que nos désse sua licença para ir adiante, mandou que fossemos, e que não pagassemos salvo conducto, por amor de el-rei de Leão de Hespanha, e ordenou que nos dessem quatro mil peças de ouro.

Como partimos de Babylonia para visitar a Terra Santa

Partimos d'alli para a provincia de Centurio, que não sustenta lei nenhuma. E quando nasce uma creança, d'ahi a nove dias lhe põem uma verga de ferro na cabeça, e assim fica com pouco juizo, mas mui forte da cabeça. Logo fomos para a terra dos Alarves, que não tem povo, nem casa, nem logar certo, e de tempo a tempo se mudam pelas montanhas. Comem carne crua e hervas, e andam nus. Saimos d'esta gente, que é sem razão, e fomos a Anamins por ver a fonte do rio Jordão, onde S. Paulo foi baptisado, e alli pagamos um cruzado cada um, e ganha cada pessoa cem quarentenas de perdão. D'alli fomos a Nazareth, d'onde foi a linhagem de nossa Senhora, e alli pagamos outro cruzado por cada um.

D'alli fomos ao castello de Emaús, d'onde saiu a asninha em que foi fugindo nossa Senhora com o Menino Jesus para o Egypto; alli pagamos, entre dois um cruzado. E alli fomos ver a palma, que se baixou á Virgem Maria, da qual colheu tamaras para seu Filho; ao pé da palma está uma fonte que se abriu, da qual bebeu a Virgem e S. José. D'alli fomos a Belem, onde nasceu o Menino Jesus, e vimos o presepio onde foi deitado, e a sepultura de S. Jeronymo debaixo do presepio; pagamos a cruzado cada um; ha indulgencias plenarias. D'alli fomos ao valle de Josaphá; andamos por elle, e vimos a sepultura de nossa Senhora, onde os apostolos faziam a vigilia, quando os anjos subiram ao céo, e o moimento ficou assignalado conforme ao tumulo do corpo; e ficaram ao redor as pégadas dos apostolos por memoria e despedida. E disse *Garcia Ramires:* «Aqui havemos de ser julgados no dia de juizo. Deixemos aqui um signal onde estamos juntos.» E respondeu D. Pedro: «Nunca Deus queira que taes signaes fiquem n'este logar»; e estranhou muito aquellas palavras, dizendo que era tentar a Deus.

De como o infante D. Pedro entrou na cidade de Jerusalem

D'alli fomos á cidade de Jerusalem, e levando-nos dois guias ao baixo que assim é chamado *Cural*, onde moram os christãos. Folgaram muito de nos ver, e perguntaram-nos de que terra eramos. Respondemos que eramos vassallos de el-rei de Hespanha, queriamos ver o santo sepulcro. E logo nos levaram ao templo, e fazendo oração, entramos a fazer reverencia ao guarda do mosteiro, em que estão doze frades, em lembrança dos doze apostolos, e com o guardião treze, e tiveram grande alegria e consolação comnosco. Alli soubemos como poderiamos ver o sepulcro, e foi o guardião comnosco onde estava o mouro, que o guardava, e lhe démos vinte peças cada um por ver o santo sepulcro. Em cima d'elle estava uma capella em que não podiam caber mais que tres homens, a saber: sacerdote de missa, diacono e subdiacono. Debaixo está o santo sepulcro a tres degraus, e ao terceiro está o mouro que guardava a entrada á porta de baixo, e á entrada hão de se abaixar para poderem entrar, e alli recebe cada um dos que entram uma bofetada por vituperio da mão do mouro. Em a pessoa entrando, cerra o mouro a porta por fóra com a chave, e como lhe pareça que terão feito oração, e visto o santo sepulcro, abre logo a porta para saír, e se não paga salario ha de soffrer sessenta açoutes mui crueis, dados pelo dito mouro.

D'alli fomos ao monte Calvario; vimos o buraco onde foram assentadas as cruzes de nosso Senhor Jesus Christo, e dos dois ladrões. D'alli fomos a casa de Annás, e onde Judas deu a paz a Christo, e oitenta passos em comprido do logar em que lhe deu a paz nunca nasceu herva nem se viu pó; e toda a terra se tornou em côr de sangue. D'alli fomos a Jerusalem, a antiga, onde se tratou a morte de Christo. D'alli fomos á casa de Annás, e pagamos entre todos doze cruzados, por ver a cadeira onde Annás estava sentado. D'alli fomos á casa de Simão Leproso, onde veio a Magdalena com o unguento com que ungiu os pés a Christo.

Depois fomos a casa de Isabel, que estava na rua tenebrosa, por onde levaram a Jesus Christo com a cruz ás costas, quando foi a crucificar.

D'alli fomos ao templo de Salomão, e não nos deixaram entrar dentro; porque os mouros teem alli a sua mesquita, e não consentem que entrem alli christãos. D'alli fomos ao logar onde S. João Baptista fazia oração e onde dormia, pagamos um cruzado, e é perdoada a culpa e pena. D'alli fomos á casa de S. Joaquim, pae de nossa Senhora, e não ha casa em Jerusalem mais conhecida, porque a frontaria é feita de grandes e formosas pedras. E d'alli fomos fóra da cidade á cova onde chorou S. Pedro, e se arrependeu, quando negou a nosso Senhor Jesus Christo, e pagamos quarenta dinheiros cada um. D'alli fomos a Galilêa, onde appareceu nosso Senhor, depois que resuscitou, a seus discipulos, e d'alli fomos ao valle Ecrem, que está a outra meia legua da cidade, onde está enterrado Adão. D'alli fomos ao logar onde cortaram a cruz em que crucificaram Christo. E d'alli fomos ao horto de Jericó, que está a meia legua de Jerusalem. Depois fomos ao monte Thabor, onde foi transfigurado nosso Senhor diante de S. Pedro, S. Thiago e S. João; e quando uma pessoa está em cima de terra, a qualquer parte que olha vê a terra coberta de neve, e apparece uma sepultura mui grande, e quando a gente chega perto, desapparece a neve e a sepultura; e tornando depois a olhar logo torna a apparecer; que não é nosso Senhor servido que os homens saibam onde está o corpo de Moysés. E d'alli fomos ás terras de Artador, onde está a sepultura do propheta David. E fomos ao campo Gigante, onde está sepultado o propheta Daniel. Fomos ao campo de Josaphá, onde Jeremias está enterrado. E d'alli fomos onde foi tentado nosso Senhor, e está alli sepultado Zacharias. E alli vimos o deserto, onde jejuou o Senhor a quaresma. E depois fomos ver onde se enforcou Judas.

Como partimos de Jerusalem para a serra de Armenia, onde está a arca de Noé

Logo partimos para a serra de Armenia, onde está a arca de Noé, e esta é a terra que mana leite e mel. O leite é dos animaes grandes e pequenos, assim como marfins, camafeus, bufalos, unicornios, elephantes, camêlos, dromedarios, tigres, onças, e outros muitos. A terra é mui abundosa de hervas, e estes animaes são tão viciosos, que os filhos não podem mamar quanto leite as mães teem, e andando pelo deserto lhe anda caindo das tetas. E são tão grandes as abelhas, que criam o mel pelas arvores, penedos, e pelas aberturas da terra que se derrama o mel pelo chão, por isso se diz que aquellas terras manam leite e mel.

N'estes desertos não bebem as bestas bravas senão aguas embalsamadas de lagos, porque não ha outras, as quaes estão cheias de muitos animaes peçonhentos, que n'ella bebem e andam; a saber: dragos, serpentes, lagartos, escorpiões, cobras e viboras, que são chamadas volantes, porque dão grandes saltos, e tem tres varas de comprido, e quando querem morder se levantam da terra e saltam muito alto. E pôz nosso Senhor tal guarda e natureza nos outros animaes por causa d'estas peçonhas, que chegando ao redor da agua não ousam beber d'ella, até que venha o unicornio, e como o vêem vir, desviam-se da agua, e mette o corno dentro d'ella, e logo os animaes bebem, porque fica a agua livre da peçonha.

Estas serras da Armenia são mui altas, e gastamos em subil-as dia e meio, e por entre as serras passa um rio mui corrente, onde se acham pedras preciosas finas; entre estas serras está atravessada a arca de Noé, e da humidade do rio estava a arca coberta de hervas, e do esterco das aves está branca como a neve, e nenhum de nós pôde chegar junto á arca, por causa dos grandes bosques e altas serras que alli havia.

De como o infante foi fazer reverencia a el-rei da Armenia, e visitou a casa de Santa Maria Egypciaca.

D'alli fomos fazer reverencia ao rei dos armenios, que ficou maravilhado, e perguntou de que nação eramos. Fallou *Garcia Ramires*, nosso lingua, e disse: «Somos vassallos de el-rei de Leão de Hespanha, e entre nós vem um seu parente». Elle folgou muito de ouvir novas de el-rei, e mandou-nos dar boas pousadas, e fez-nos deter alli vinte dias. E depois pedimos licença, e disse que fossemos com a benção de Deus. Pouco tempo havia que elle tinha saído do captiveiro, pelo que estava pobre, comtudo mandou-nos dar cem peças de ouro. D'alli fomos á sepultura de Santa Maria Egypciaca, que está d'aquella parte do rio Jordão entre umas serras mui grandes, e despovoadas, onde esta santa fez penitencia, e estivemos alli nove dias.

De como fomos onde estava o gran sultão do Egypto em Babylonia

Viemos depois ao Egypto, que é uma provincia, e fomos á cidade de Babylonia fazer reverencia ao gran sultão. E como soube que eramos do Poente, teve grande prazer, porque tinha nascido em Castella, em Villa Nova de Serena, e era filho do mestre Martins, e da Barbuda, e disse-nos que el-rei de Granada mandára muitos mouros a correr a terra, e o captivaram a elle com outros muitos, e o passaram a Fés, e o tornaram mouro, e foi tão valente e estimado, que chegou á ventura de ser sultão. Estando nós alli, cavalgou em um dia de S. João, e iam com elle até quarenta mil cavalleiros, e guardavam-os tres mil elches renegados mui valentes, e a par d'elles iam alguns romeiros christãos para o ver. E chegou um mouro da guarda, que era dos cavalleiros, a um romeiro e deu-lhe uma bofetada sem razão, e foi dito ao sultão aquelle mau feito. E quando tornamos por alli achamos o mouro atravessado em um pau, posto em alto. Isto mandou fazer o sultão, dizendo que se não guardasse justiça aos peregrinos, não passaria nenhum a Jerusalem. Alli pedimos licença para passar adiante. Disse-nos que fossemos com a benção de Deus, e que não pagassemos cousa alguma, e mandou-nos dar guardas para atravessar a terra do Egypto mui seguramente. E d'alli atravessamos um deserto de oitenta leguas, e chegamos á cidade de Penora, e fomos fazer reverencia a el-rei, e nos perguntou se entre nós vinha algum principe. Respondemos que eramos vassallos de el-rei de Leão de Hespanha, que nossa vontade era ir ver o monte *Sinay*. Disse el-rei que não diziamos verdade, e mandou-nos prender, e cada dia nos fazia perguntas, que dissessemos a verdade, que mais nos valia que padecer morte. Disse o lingua que fallavamos a verdade, no que sempre dissemos: quando el-rei isto ouviu, mandou que pagassemos salvo conducto, e que fossemos nosso caminho. D'alli fomos á cidade de Sabrança, que era de el-rei *Canonhom*, e fomos fazer-lhe reverencia á cidade de gran Cairo, que é de quatrocentos mil vizinhos, tem cinco cércos; e a fortaleza é feita de pedras agudas á feição de pontas de diamantes. E saindo d'esta cidade, atravessamos um deserto de trezentas leguas, e fomos á cidade de Assião. Pedimos licença ao regedor para ver a cidade. Disse-nos que pagassemos salvo conducto, e a vimos toda. Alli estivemos quatorze dias, descansando e vendo a cidade, que é de duzentos mil vizinhos. D'alli fomos a Fantaleão, que é uma cidade de seiscentos vizinhos, passa por alli um rio, que vem do Paraizo terreal, chamado Frison. O regedor da cidade vinha de fazer montaria; trazia um elephante morto em um carro, pelo qual puxavam doze camêlos. Alli nos teve o regedor doze dias, ouvindo novas de Hespanha.

De como o infante foi fazer reverencia ao gran Morate, e d'alli passamos onde estava o gran Tamaroleque.

D'alli fomos fazer reverencia ao gran Morate á cidade de Capadocia; e mandou-nos que logo nos fossemos da sua terra.

Atravessamos pelo deserto de Ninive, e fomos á cidade de Samasa, que é do gran Tamaroleque, e entramos pelos arrabaldes, que serão em comprido uma legua. E chegando á porta da cidade, fallou *Garcia Ramires* com uns mouros, e disse: «Qual de vós outros nos quer mostrar a casa do gran Tamaroleque, poderoso da porta de ferro?» E um d'elles se concertou comnosco, e nos levou pelas ruas; e andamos desde pela manhã até á tarde, primeiro que chegassemos aos paços.

E como fomos chegados, perguntou-nos o porteiro de que geração eramos. Fallou *Garcia Ramires*, e disse: «Somos vassallos de el-rei de Hespanha, do Poente; o porteiro nos abriu a porta, e entramos na sala, onde estava o gran Tamaroleque assentado em um rico estrado; e antes de chegarmos a elle trinta passos, pozemos os joelhos em terra, juntamente todos, e pozemos as mãos no chão, e levantamo-nos, e andamos dez passos, e tornamos a pôr os joelhos em terra, e beijando as nossas mãos, levantando-nos, chegamos perto dos pés do Tamaroleque, e pozemos outra vez os joelhos em terra, e demos-lhe paz nos joelhos, e por ser tarde, mandou nos dessem pousada e todo o necessario. E ao outro dia mandou-nos chamar, que ia á sua mesquita, e para que vissem como ia acompanhado. Diante d'elle iam oito mil cavalleiros, e logo quatro mil senhores de esporas douradas calçadas, e ao pé de cada um d'estes senhores iam uns mouros com casacas compridas; estes como pagens, e após d'estes ia o rabi maior da mesquita com perto de trezentos alfaquins, cantando com musicas a seu costume; e detraz d'estes iam doze mouras muito attrahidas, com ricos atavios; duas tangiam dois cravos, e outras duas, alaúde, e outras, harpas e todas descantavam suavemente. As outras seis descantavam diante do Tamaroleque; e iam até trezentos homens puxando por cordões de fina sêda, que estavam atados em um carro triumphal, e em cima do carro ia uma rica cadeira de ouro maciço toda encastoada em pedras preciosas, e dos pés da cadeira iam quatro vergas de ouro, sobre ellas uma cortina de brocado bordada a perolas; e elle ia dentro assentado na cadeira, e os homens tirando pelos cordões com muito tento, e detraz do Tamaroleque iam mais de seis mil cavalleiros para a rectaguarda, e d'esta maneira fomos até á sua mesquita. Mandou a dois cavalleiros

que andassem comnosco pela mesquita, e que nos mostrassem tudo.

Depois vimos toda a mesquita, e tornamos a acompanhar o Tamaroleque, o qual com o mesmo concerto e ordem tornou para os seus paços. Não usa o Tamaroleque comer em cousa alta, mas tem no chão uns gadamacins mui ricos, e alli põe seus pratos de ouro e prata, cheios de comidas, e ao redor dos pratos põe umas almofadas riquissimas, e sobre ellas uns guardanapos para limpar as mãos.

E mandou o gran Tamaroleque, que para nós outros vassallos de el-rei de Leão de Hespanha pozessem outro assento com seus pratos, e que não os pozessem em roda, como a elle, mas ao comprido, assim como tinhamos de costume, e deram-nos muitas fructas diversas, a saber: leite, manteiga, passas, romãs, e tamaras; e depois trouxeram-nos muitos manjares de carne; mas nós, como era sexta-feira, não ousamos comel-a; e disse *Garcia Ramires*, que nunca Deus quizesse que em tal maneira peccassemos contra o Senhor Deus, e disse ao gran Tamaroleque: «Senhor, a nossa lei nos defende para que comamos n'este dia carne, e se sua senhoria manda que a comamos, de nós outros será encarregado.» Respondeu o Tamaroleque: «Nunca Deus queira, que por amor de mim quebranteis a vossa lei, que eu sei que é boa»; e mandou-nos trazer outras viandas de peixe, e mandou que todas as iguarias que trouxessem ante elle nos pozessem, para que vissemos sua grandeza. Alli vimos carne de dromedario, de elephante, de bufalo, gallinhas, capões, carneiro, pavões, carne de unicornio, de marfim, falcões e outras muitas diversidades, até carne de cabra, de lagarto, de lobo e raposa, porque tudo se come n'aquellas partes.

Depois que acabamos de comer mandou que partissemos d'alli; e deteve-nos quinze dias para saber novas de el-rei de Leão, que elle folgava muito de ouvir, e metteu-nos em um pomar que tinha quatro pedras, e no meio estava uma arvore que distillava balsamo, que seis homens não lhe abraçavam o pé; d'esta arvore sáem cinco ramos, e de cada ramo cinco esgalhos ou pontas, e ao pé da arvore nascem tres vides, as quaes se podam cada anno, e d'esta nasce o balsamo.

N'esta provincia cria uma gallinha quinhentos e seiscentos pintos, porque a terra é muito quente, e põe em cima de uma manta os ovos e depois os cobrem com esterco, e d'alli a tres semanas estão pintos gerados.

D'alli atravessamos um deserto de duzentas leguas, e fomos á cidade de Tarfo, que está quatorze leguas de Sodoma e Gomorra. E fomos ter aos sitios d'estas cidades, nas quaes estavam feitas lagôas de agua negra cheias de carvão.

E dizem que aquellas cidades se submergiram pelos peccados da luxuria dos seus moradores. Aqui vimos a maçã, formosa fructa do mundo; mas se a partem, acham dentro carvão moido; e se á bôca chegam a agua, é mais amargosa que o fel. E se lançardes no lago um pau, uma palha, ou outra cousa leve vae ao fundo, emquanto que o ferro ou outros metaes sobrenadam, o que parece cousa impossivel e contra a natureza.

D'alli fomos onde está a mulher de Loth, a qual se chama n'aquella terra a má mulher, porque quebrou o mandamento de Deus. E está meia legua de Sodoma feita pedra de sal, e mingua como a lua. E muitos animaes vem, e lambem d'ella, e toda a figura de mulher, e o rosto virado sobre o hombro, de modo que o virou para as cidades que se abrazaram por permissão de Deus.

De como chegamos á Arabia e fomos aos montes de Gelboé

Partimos d'alli e fomos ao reino da Arabia, cidade de Sabá, e alli achamos gente de muitas maneiras, e vimos geração que tinha corpos de homens e o rosto de cães.

E fomos fazer reverencia a el-rei: perguntou-nos de que provincia eramos, e disse o lingua que eramos vassallos de el-rei de Leão de Hespanha. E mandou-nos estar a modo de presos uns dias, para saber se entre nós vinha algum principe; e quando viu que eramos todos uns, mandou pagassemos salvo conducto, que era cento e vinte e seis peças de ouro, e que fossemos em paz.

Alli compramos quatro dromedarios por trezentas peças de ouro, para atravessar os montes de Gelboé, onde foi vencido e morto el-rei Saul, e desde então nunca choveu nem caiu orvalho n'aquelles montes. E os homens que alli morrem se mirram, de que se faz a carne momia, que serve em mézinha. Estão estes montes tão areosos, que assim como se muda o tempo, assim se levanta a areia.

De como chegamos ao monte Sinay

Como passamos os desertos areosos fomos ao monte Sinay, onde está o corpo de Santa Catharina. Entramos no mosteiro a fazer reverencia ao prior, que era parente de el-rei de Hespanha; todos os seus frades, que seriam cento e oitenta, tiveram grande prazer comnosco; e d'estes frades são sessenta de missa, e os mais lavram a terra, e semeiam para mantimento do mosteiro.—O logar onde está o corpo de Santa Catharina é acima do mosteiro em uma penedia muito alta, a qual dizem que feriu Moysés com a vara quando saíu agua em abundancia para os filhos de Israel. Em o penedo está um grande signal, e esta agua não sáe. Em cima d'esta penedia está uma igreja pequena onde está a sepultura d'esta Santa,

e continuamente estão aqui dois frades de S. Francisco, que vigiam o corpo de Santa Catharina, que alli está em carne e osso. Ao pé d'este penedo estão duas estacas, e uns calabres muito grandes atados n'ellas, e em cima da parede da igreja de Santa Catharina estão outras duas estacas, onde os cavalleiros estão bem amarrados, e por elles á maneira de escada com seus degraus de corda sobem acima, que bem haverá cento e sessenta braças de alto, e os frades do mosteiro, de baixo, de tres em tres dias lhes mandam tres cousas: pão e agua para os frades, e azeite para a lampada; isto mettem dentro de uma cesta, a que tomam os de cima por uma corda que está no alto. E assim, quando hão mister alguma cousa, escrevem um papel, e mettem-o dentro da cesta, e debaixo olham o que querem e o mettem dentro, e fazem signal que tirem ao de cima, e logo sobem a cesta. Pedimos licença ao prior para subir acima, que de boa vontade a concedeu. E começamos a subir pela escada, e como nos sentiram os padres de cima, deitaram-se de peitos sobre os degraus do altar, que não lhe podémos ver a cara. Entramos na igreja, a qual é feita de duas pedras só. O chão da igreja e os degraus do altar e sepulcro de Santa Catharina, onde está o prato em que cae o oleo do corpo da Santa, tudo é uma pedra; e o portal da igreja e a abobada, de outra pedra, e d'onde está encaixada, é feito milagrosamente por mãos dos anjos. E subindo sobre os degraus se vê o corpo d'esta Santa em carne e osso, que está mettido no altar meia vara para dentro. E para que se possa ver sem lhe tocar, está diante uma pedra a modo de rede, milagrosamente feita, e no altar celebram os padres missa. E alli se vê o oleo que lhe sáe dos braços, o qual sara todas as enfermidades. Estivemos a fazer oração, e vendo a perfeição da igreja cinco ou seis horas, e depois descemos pela escada de corda para o mosteiro de baixo, e D. Pedro pediu licença ao prior para passar adiante.

O prior lhe disse: «Pois vossa vontade é ir avante, olhae que haveis de passar por terras de infieis; e vós outros sois treze, e se algum morrer, levae d'aqui treze tunicas em que sejaes enterrados».

De como fomos á terra do gran Roboão e vimos a casa de Méca

Despedimo-nos do prior e padres, e fomos á terra do gran Roboão mouro, que é o maior rabi da casa de Méca, onde dizem estar o corpo de Mafoma, e mandou a dois mouros que fossem comnosco a Gudilfe, que era senhor da casa de Méca, e rei de Jerusalem, senhor dos Algarves e dos Fideos, senhor do braço direito dos mouros, rei de Fés, senhor dos Montes Claros, bebedor franco das aguas, passador das hervas dos reis pequenos, defensor da seita de Mafamede, e perseguidor perpetuo dos christãos. Levaram-nos estes mouros com muita pressa, e fomos fazer reverencia ao gran Gudilfe e disseram-lhe como nos mandava o gran Roboão a sua senhoria, para que fizesse de nós o que quizesse, porque eramos vassallos de el-rei de Leão de Hespanha, que conquistou a el-rei de Granada. E disse o gran Gudilfe que dissessemos a verdade, se entre nós havia algum parente de el-rei de Leão. Nós sempre negamos, que na companhia não havia tal pessoa. Alli estivemos presos dez semanas, cada um em sua parte, que não sabiamos uns dos outros, e não achando cousa alguma contra nós mandou-nos soltar e que nos fossemos. Depois de soltos pedimos licença para ver as cousas que alli havia, e vimos no paço uma sala e uma cadeira em que o gran Gudilfe se sentava, mui formosa maravilha, e uma mesa de ouro em que comia pelas festas, na qual bem podiam caber cento e cincoenta homens. As paredes das salas eram encastoadas em esmeraldas e rubins, e a camara era toda entalhada de unicornio e de marfim.

Pedimos licença para ir ver a casa de Méca. Esta casa tem tanto de circuito como um logar de mais de mil vizinhos. Entramos dentro da mesquita, e mandou o Gudilfe dois cavalleiros dos seus, que andassem em nossa companhia, e nos mostrassem a mesquita. Vimos o sepulcro do seu falso propheta Mafoma, que estava em uma capella, pendurado no ar entre seis pedras imans de uma igualdade, e moimento de ouro; as pedras de cevar sustentam o moimento no ar, porque tem a pedra iman esta virtude de sustentar ouro, e assim estava o sepulcro de Mafoma no ar.

De como fomos á terra das Amazonas da cidade de Sonterra

Andamos por todos aquelles infieis com muitos trabalhos, e atravessamos grandes desertos. D'alli fomos á terra das Amazonas, que é uma provincia de mulheres christãs subditas ao preste João; fomos á cidade de Sonterra fazer reverencia á rainha. Entre ellas ha uma rainha, princezas, condessas, e lavradoras que rompem a terra, trabalham para abastecer as cidades, as quaes não vão á guerra. E em nos vendo vieram a nós as regedoras maravilhadas, e disseram-nos: «Amigos, de que geração sois, que nunca vimos homens de vossa maneira?» Fallou o lingua, e disse que eramos vassallos de el-rei de Leão de Hespanha, irmão em armas do preste João. Perguntaram as regedoras: «Quem vos moveu a entrar por nossa provincia? por ventura entrastes para multiplicar, ou por que causas?» Respondeu o nosso lingua: «Nunca Deus queira que nossa vinda seja para esse effeito, mas nossa vontade é ir beijar a mão ao preste João». Estas mulheres não são como as

de cá, porque não teem ajuntamento de homens senão em tres mezes no anno, a saber: em março, abril, e maio. N'estes tempos entram por suas terras homens das provincias que estão mais perto, a multiplicar; sáem as regedoras a elles; perguntam-lhes se veem a multiplicar, e lhes dão licença que entrem pelas villas e cidades. Os ditos homens andam olhando a mulher que melhor lhes parece, e aquellas tomam, e usam com elle como com sua mulher; mas não ha de tratar com outra, porque se o acham, logo fazem justiça d'elle e d'ella.

Depois, se a mulher pare filho, fazem-lhe cinco cruzes de fogo com um ferro, em signal que é christão, e em lembrança das cinco Chagas de Christo. Criam-os tres annos, e depois os mandam d'alli com a gente que vem a multiplicar, e dizem: «Tomae, amigo, este menino, e dae-o em tal terra a fulano, e dizei-lhe como é seu filho, e que o crie lá». E se é femea dão-lhe o mesmo baptismo, e queimam-lhe a teta esquerda, porque, como são todas frecheiras de arco, lhes não estorve a teta o atirar, e com a teta direita criam seus filhos. Fallou o nosso lingua á rainha, e declarou-lhe como vinha um parente de el-rei de Leão de Hespanha, que havia visitar o preste João, e que sua alteza o favorecesse para passar seu caminho; disse a rainha: «Mando que dêem ao parente de el-rei de Leão de Hespanha vinte marcos de ouro».

De como fomos a uma provincia de judeus, que são sujeitos ao preste João

D'alli fomos a uma provincia de judeus, e vimos o rio das Pedras, o qual cerca toda a provincia; não tem agua, senão umas pedras toscas e muito leves, sem comparação, e quando ha vento as faz andar. Fomos á cidade principal dos judeus, que moram n'estas partes, que é chamada *Cananea,* e até a maior que ha em toda a provincia onde vivem os da tribu de Judá. E como nos viram de longe, saíram a nós fóra da cidade, e perguntaram-nos d'onde vinhamos sem licença, d'onde iamos, e por que causa andavamos sem licença do maioral por alli; lançou mão de nós o procurador de *Cananea,* e teve-nos presos nove semanas.

Esta provincia não tem rei, nem principe, nem senhor natural, e é sujeita ao preste João, e lhe paga de tributo cada anno cem dromedarios carregados de mantimentos, e cem peças de ouro e prata, porque os deixe viver em sua lei, e guardar o sabbado. O preste João, porque se não levantem os judeus, não lhes quer dar rei conhecido. É terra mui abastada, e em cada cidade estão homens de armas que vigiam.

N'esta provincia não fazem os judeus as barbas, e trazem-as grandes, porque perderam a terra da promissão.

Depois que o procurador nos teve presos nove semanas, não achando em nós causa alguma mandou-nos soltar, e que nos dessem pelo seu trabalho, que haviamos passado nas prisões, por ser em serviço do senhor preste João das Indias, novecentas peças de ouro para passar nosso caminho.

De como o infante D. Pedro passou pela terra dos Gigantes, e foi á India do preste João

D'alli fomos á provincia dos Gigantes, que são de nove covados de alto, e tão altos como grandes lanças. N'esta terra nunca morreu nenhum senão de muita velhice. D'alli entramos nas Indias, e fomos á cidade de Carçola, que parte com a provincia dos Gigantes, e perguntamos onde acharíamos o preste João, e disseram-nos que na cidade de Carleo, que parte com o senhorio do gran sultão: mas não o achamos alli. Fomos á cidade de Alves, a qual é uma das mais nobres e formosas do mundo, e alli o achamos.

Entrando pela cidade perguntamos pelos paços do preste João, e andamos pelas ruas desde pela manhã até á noite que chegamos aos paços. Dentro dos muros haverá mais de seiscentas casas de nobres com seus jardins cercados; e de uma a outra rua taipa no meio, para não se passar de uma rua á outra de noite. Fomos fazer reverencia ao preste João, e primeiro que chegassemos a elle havia treze porteiros; os doze são bispos, e um arcebispo, que esta na camara do preste João. Chegamos á porta primeira, onde havia uma grande sala, e perguntou o primeiro porteiro de que geração eramos. Respondeu o lingua, que eramos vassallos de el-rei de Leão de Hespanha, seu irmão em armas, e que entre nós vinha um seu parente. O porteiro nos abriu a porta com grande alegria, e entrando o infante D. Pedro, fez reverencia ao preste João, com os joelhos no chão, e beijou-lhe as mãos, e o mesmo fez á rainha sua mulher, e a um seu filho, que era imperador da terra dos Goldrás. Tirou D. Pedro as cartas que levava de el-rei de Leão de Hespanha, e pondo-as em cima da sua cabeça, as deu ao preste João, o qual com o rosto alegre as tomou e mandou a el-rei de Alvim que as lesse; como foram lidas, mandou o preste João a D. Pedro que se sentasse á sua mesa entre a mulher e seu filho, e acima de todos os reis, que comiam com elle, que eram quatorze, e serviam á sua mesa sete: e para nós mandou o preste João pôr outra mesa. Esta sala, em que comeu o preste João, é mui rica: porque as paredes eram de ouro e azul; o telhado de cachos de ouro, o chão de pedras resplandecentes e a taboa da mesa de diamantes.

Estivemos assim quatorze semanas. Cada dia lhe punham na mesa quatro vasos de ouro. No primeiro estava uma cabeça de homem

morto, porque visse que assim havia de ser elle. O segundo estava cheio de terra, porque assim havia de ser. O terceiro cheio de brazas, porque se lembrasse das penas do inferno. O quarto cheio de umas pêras, que nascem entre os rios Tigre e Euphrates, porque vejam o milagre, que está dentro d'estas péras, nas quaes, partidas pelo meio, apparece dentro a imagem do Santo Crucifixo.

N'esta terra os clerigos são casados com moças virgens, e se elle morre, a mulher não póde casar outra vez; e se lhe morre a mulher, ha de guardar castidade; e se a não guardar logo o mandam matar. Em cada igreja ha dois clerigos, e um altar com algumas imagens, e a do Santo Crucifixo. Estes clerigos são semaneiros; ao sabbado vae um ao outro, que estava na igreja, confessa-se com elle e recebe tambem o Sacramento, e o outro se vae para sua casa a fallar com seus freguezes, e fal-os ir á igreja para que se confessem, e recebam corpo de nosso Senhor Jesus Christo. Quando o preste João vae fóra, leva diante de si treze cruzes; as doze em lembrança dos doze apostolos, e a outra, com o Crucifixo, significa Jesus Christo. Fomos ver o corpo de S. Thomé, e mandou o preste João dois cavalleiros comnosco, que nos mostrassem o sepulcro do Santo, o qual está em cima do altar, assim como está posta a imagem, e braço, e mão com que tocou o lado de nosso Senhor; e está tão fresco como se estivesse vivo.

Na vigilia de S. Thomé tomam uma vide sêcca, e põem-lh'a na mão, desde horas de vesperas até á noite; deita a vide de si tres ramos; e cada ramo dá tres cachos de agraço; desde a noite até matinas são estes agraços bem limpos; e desde matinas até á missa vem a amadurecer; e tiram d'elle mosto com que celebra o preste João n'este dia, e não diz missa em outro algum senão de *Corpus Christi* e de Santa Maria de Agosto. Quando fallece o preste João, não póde ninguem ser preste por linhagem, nem por senhorio, senão pela graça de Deus, e pelo Santo Apostolo, que escolheu, como logo diremos.

De como elegem o preste João das Indias

Ajuntam-se todos os clerigos na cidade de Alves, e andam em procissão ao redor do Apostolo, e para aquelle que ha de ser preste senhor de todos, estende o Apostolo, o braço, e aponta com o dedo, e então o tomam todos os outros com grande solemnidade: chegando onde está o Apostolo, aquelle que ha de ser preste João vae com muita humildade beijar a mão a S. Thomé; e todos os outros, que juntos estão, beijam a mão ao preste João, tomam a cinta de Santa Maria, a qual deixou nosso Senhora quando subíram os anjos ao céo, põem duas vergas de ouro atravessadas por cima, e vão até ao altar de S. João; e d'esta maneira é elegido o preste João. Disse D. Pedro ao lingua: «Dizei ao preste João que nos dê licença que minha vontade é de passar adiante». Respondeu o preste João, que não quizessemos passar d'alli, porque poderiamos chegar a terra a que não achariamos geração; que são sepulturas os filhos dos paes, e os paes dos filhos, porque comem uns aos outros. Estes hão de vir com o Anti-Christo, porque são mui crueis, moram entre serras mui altas. Disse D. Pedro, que sua vontade era ir ao diante até que no mundo não houvesse mais nação. Quando o preste João viu que nossa tenção era de nos irmos, mandou que nos dessem seis dromedarios, e dois linguas que nos servissem de guia.

Partimos d'alli uma segunda-feira, e atravessamos a cidade de Edicia, até ao Paraizo terreal, por desertos em que fizemos dezesete jornadas, e cada uma de quarenta leguas, que anda o dromedario em cada dia, e nunca achamos povoado, nem gente em seiscentas e oitenta leguas. N'estes desertos não ha caminhos que guiem as pessoas, e chegando nós á vista de terra do Paraizo terreal, os guias, que nos deu o preste João, não nos deixaram passar para diante.

D'alli viemos aos rios Tigre, Euphrates, Gion e Pison, que sáem do Paraizo terreal. Pelo Tigre sáem ramos de oliveira e cyprestes, pelo Euphrates sáem palmas, pelo Gion sáem homens, e pelo Pison sáem papagaios em ninhos pelas aguas, porque d'estes rios se mantem todo o mundo de aguas, porque d'estes nascem outros rios.

D'alli fomos ver as arvores das pêras, que estão entre o Tigre e Euphrates, que são duas, cada uma dá cada anno quarenta péras, e nunca dão mais nem menos, e isso significa quaresma. Estas pêras se entregam ao preste João, e se repartem pelos senhores principaes, para os confirmar na fé de Christo; porque quando se partem estas péras, em cada parte apparece o Santo Crucifixo, e nossa Senhora com seu Filho nos braços.

Fomos a uma provincia, onde habita gente que não tem mais que uma perna, e um pé redondo, e vimos carneiros com oito pés e seis cornos.

D'alli fomos a uma provincia dos Pintos, que são uns homens muito pequenos como meninos de cinco annos, e tem grandes guerras com grandes bandos de passaros, que vem comer suas novidades.

Tornamos para o preste João, o qual teve grande prazer quando soube que eramos chegados; e estivemos alli trinta dias. E disse D. Pedro ao preste João: «Pois vossa alteza sabe que sou parente de el-rei de Hespanha, e vim ver todas as terras do mundo, faça-me a mercê de me dar soccorro para me tornar ao Poente». E mandou o preste João que nos dessem

nove mil peças e uma carta que elle mesmo mandou fazer, a qual contém muitas cousas notaveis e diz assim:

Carta que mandou o preste João das Indias, em que conta cousas d'aquella terra

Preste João das Indias, rei de muitos reinos, etc. Fazemos saber que nós cremos em Deus Padre, Filho e Espirito Santo, tres Pessoas e um só Deus verdadeiro. A todos os que desejaes saber que cousas ha em nosso senhorio, vos dizemos, que temos sessenta reis nossos vassallos, e aos pobres de nossa terra os mandamos manter de nossas rendas. Haveis de saber que nossas partidas são tres, India menor, Abixins, e India maior, e n'ella está o corpo de S. Thomé, apostolo.

Sabei que n'esta terra nascem os elephantes, camêlos, leões e grifos, os quaes tem grandes forças, que levam voando um bezerro, para que o comam seus filhos. Estes animaes, e outras especies de serpentes, andam no deserto, e os dromedarios e camêlos quando são pequenos, os tornam nossos vassallos, e os fazem mansos para lavrar a terra, e andar caminhos. Temos gente em uma provincia, que não tem senão um olho, e outra gente, que tem dois olhos diante e dois atraz; e quando algum morre os parentes o comem; são chamados *Gostes* e *Mangostes,* vivem detraz de umas serras mui altas; dizem que nunca d'alli sairão até que venha o Anti-Christo, e então sairão com grande furia: e são tantos, que os não poderão vencer as gentes do mundo, mas só Deus mandará do céo, com que serão abrazados por suas crueldades. Em outra provincia ha gente que tem um pé redondo; não são para pelejar, mas são bons lavradores. E ha outra geração, que não são maiores os homens e mulheres que meninos de cinco annos, e não teem trabalho senão quando hão de segar o trigo, porque vem uma manada de grandes passaros, e sáe o rei d'elles á batalha, e aquellas aves não se querem ir até que matam muitas d'ellas. E perto d'estes ha outros, que são homens da cintura para cima, e da cintura para baixo são cavallos, comem carne crua, vivem de caçar, e moram no deserto como animaes. Mandamos trazer alguns d'estes, para que estejam em nossa côrte.

Temos mais em nossa terra cem castellos mui fortes, e em cada um quatro mil homens de armas, que guardam os paços e fronteiras d'aquella nação cruel de Got e Magot, que se saissem fóra d'aquellas serras, destruiriam o mundo.

Quando nos vamos banhar, fazemos levar diante de nós uma cruz: porque nos lembremos d'aquella em que foi posto nosso Senhor Jesus Christo, e levam diante de nós uma tumba de ouro, que vae cheia de terra.

E sabei que ninguem ousa mentir onde está o apostolo S. Thomé, porque logo subitamente é castigado por milagre, e nas outras partes logo o damos por desleal, porque Deus mandou que cada um amasse o proximo em boa lealdade, e não fizessem engano com os que fazem fornicio, que se os prendem n'este peccado logo os matamos.

Outro sim nós iamos cada anno visitar o sepulcro do Santos Prophetas antigos; e iamos a Babylonia em castellos feitos sobre elephantes (por causa de muitas serpentes, dragões, leões, tigres e onças que ha no deserto) a visitar o sepulcro do propheta David.

Tambem senhoreamos uma provincia de gigantes, que nos pagam tributo, e são homens tão altos como lanças; e se assim como são elles grandes fossem bellicosos e guerreiros, podiam conquistar o mundo: mas nosso Senhor lhe pôz tal embargo, que não se entreteem senão em trabalhar e lavrar a terra; isso lhes veio, porque queriam fazer a torre de Babylonia, dizendo que por ella subiriam ao céo. D'estes temos alguns na nossa côrte, para que os vejam os estrangeiros.

Os nossos paços são da maneira que os figurou o apostolo S. Thomé a el-rei Gudilfe as portas do cedro de Libano, e as janellas de crystal. Ante o nosso paço temos um terreiro d'onde se escaramuçam nossos donzeis. No aposento, onde dormimos, arde uma alampada de balsamo, porque dá bom cheiro, e os leitos em que dormimos são encastoados em saphiras: isto fazemos por castidade. Em nossa casa assistem ordinariamente doze reis, doze arcebispos, doze bispos, doze patriarchas, e temos tantos abbades em nossa capella, quantos dias tem o anno. Cada um diz missa por ordem em seu dia, e depois que a tem dito vão para um mosteiro, em razão da honestidade e recolhimento, porque em cada sacerdote deve haver humildade. Sabei que em dia de Natal, Resurreição, Ascensão e Nascimento de nosso Senhor, estamos em nossa côrte, temos corôa mui nobre n'estes dias; e fazemos prégação ao povo e outras solemnidades que duram todo o dia; e á noite saímos tão abastados, como se comeramos todas as viandas do mundo. Estes milagres, e outros muitos, faz Deus por intercessão do bemaventurado S. Thomé. Estas cousas escrevo eu aos d'essas partes, para que saibam o que se passa n'estas Indias.

Como o preste João viu que nós queriamos partir de sua companhia, suspirou e disse: «Quanto bem nos fizera Deus nosso Senhor se estivera perto de el-rei de Leão de Hespanha, nosso irmão, para que os inimigos de Jesus Christo fossem destruidos, que tantos trabalhos nos dão em todo o tempo estas guerras crueis. Mas dizei a meu amado irmão el-rei de Leão de Hespanha, que se esforce, como bom, com a graça de Deus a manter seus reinos em verdade e justiça, que faça taes obras, que seja

Deus servido; e de apparecer sem vergonha diante do seu rosto n'aquelle respeitavel dia do juizo. Agora ide com a benção de Jesus Christo, o qual tenha por bem de vos guardar dos perigos d'este mundo, assim da alma como do corpo.

De como o infante se despediu do preste João, e se tornou para Hespanha

D. Pedro e nós todos pozemos os joelhos no chão, diante do preste João, com muitas lagrimas, pedindo-lhe perdão e a sua benção, e assim nós partimos mui tristes. E segundo a vida, que n'aquella terra fazem, alli folgariamos de ficar, se os d'estas nações n'ella podessem viver. D'alli viemos para Casopia, que era terra de Gudilfe, e fomos ao Mar Vermelho, por onde passaram os filhos de Israel quando vinham do Egypto fugindo, os quaes eram muitos milhares de homens, mulheres e meninos; ao longo do mar achamos até trezentos pilares, que estão por signal por onde passou cada tribu e cada linhagem d'aquelles judeus. Depois que passamos muitas partidas viemos ter ao reino de Fés, d'onde nos passamos a Castella.

FIM DA HISTORIA

ALGUMAS AVENTURAS

DO

CELEBRE BARÃO DE MUNKAUSEN

CAPITULO I

Ainda a minha barba não annunciava aproximar-me eu á virilidade, ou em outras palavras, eu nem era homem, nem rapaz, quando mostrei um vivo desejo de ver o mundo, que foi desapprovado pelos meus parentes, ainda que meu pae tinha viajado, e não era dos viajantes que menos merecessem, como se verá antes de eu finalisar as minhas singulares, e posso dizer interessantes aventuras.

Consegui comtudo embarcar-me em um navio que ia de Amsterdam com despachos de suas altas potencias, os estados de Hollanda, para Ceilão. A unica circumstancia, digna de contar-se, que n'esta viagem succedeu, foi o maravilhoso effeito de uma tempestade, que (em uma ilha onde faziamos aguada e lenha) arrancou um grande numero de arvores de enorme volume e peso. Algumas d'ellas pesavam muitas toneladas, e comtudo foram levadas pelo vento a tal altura, que pareciam pennas de pequenas aves que fluctuavam no ar, no qual subiram até uma legua acima da superficie da terra: não obstante isso, assim que acabou o temporal caíram todas tão direitas nos seus logares, que tornaram a pegar, excepto a maior; porque n'esta estava, quando foi arrancada, um homem com a sua mulher (um honrado casal) a colher pepinos (n'esta parte do mundo é este precioso vegetal produzido em arvores), o qual casal com o seu peso na descida da arvore, sobrepojaram o tronco, e a fizeram caír em posição horizontal, matando na sua quéda o chefe da ilha, que tinha saído de sua casa no principio da tempestade com mêdo que lhe caisse em cima, e voltava para ella pelo jardim, quando este feliz accidente teve logar. A palavra — feliz — pede explicação. Este chefe era de uma disposição avarenta e oppressiva: e ainda que nem tinha filhos nem parentes, estavam os habitantes esfaimados com os seus infames e barbaros impostos.

Acabado de apromptar o navio, partimos, e em seis semanas chegamos a Ceilão, onde fomos recebidos com todas as demonstrações de amizade e de verdadeira polidez. Talvez que a estranha aventura, que alli me succedeu, não seja a meu ver desagradavel.

Quinze dias depois da minha chegada, pouco mais ou menos, acompanhei um dia um dos irmãos do governador de Ceilão á caça. Durante esta expedição se entranhou elle consideravelmente em um espesso bosque, ao tempo que eu apenas tinha chegado á entrada.

Junto á margem de uma grande lagôa, que occupava a minha attenção, ouvi por detraz de mim um grande rugido: voltei a cara, e fiquei quasi petrificado (e quem não ficaria?) á vista de um formidavel leão, que evidentemente se chegava com o intento de saciar o seu appetite com o meu pobre cadaver, e isto sem consentimento meu. A minha espingarda estava sómente carregada com chumbo grosso, eu não trazia bala commigo: fiz comtudo fogo, sem esperar que elle chegasse a alcance, e o estrondo só o enfureceu mais; porque apressou mais a carreira, e vinha para mim de bôca aberta:

procurei fugir, mas só serviu, se é possivel, de augmentar a minha afflicção; porque quando voltei achei um terrivel crocodilo com a bôca aberta para me tragar; julguei-me perdido, porque o leão já estava com o salto armado para me agarrar: cai involuntariamente no chão com mêdo, segundo o que depois conheci, e o leão saltou por cima de mim. Fiquei por alguns momentos estendido por terra, ouvi um rumor grande e desconhecido, escutei um pouco, e aventurei-me a levantar a cabeça, e olhar; e com inexplicavel alegria vi que o leão com a sofreguidão com que saltou quando eu cai, se tinha encaixado na bôca do crocodilo! A cabeça de um estava na guela do outro! Ambos se esforçavam sem se poderem desembaraçar: por felicidade minha me recordei da minha faca de matto, que eu trazia á cinta, e com ella cortei de um golpe a cabeça do leão, caindo-me o corpo aos pés! e calquei depois, com o couce da espingarda, a cabeça do leão mais para dentro da guela do crocodilo, e acabei de o suffocar, porque nem a podia engulir nem lançar.

Logo que eu tive certa a victoria d'estes poderosos inimigos, veio o meu companheiro em minha procura; e depois de muitos parabens, medimos o crocodilo, cujo comprimento era exactamente quarenta pés.

Mandei cortir a pelle do leão propriamente em cabello, de que depois se fizeram taleigos de tabaco, que quando cheguei a Hollanda apresentei aos senhores burgomestres, que em retorno me presentearam com mil ducados.

A pelle do crocodilo se encheu segundo o costume, e faz hoje um artigo principal no museu publico de Amsterdam, onde o guarda conta a historia a cada espectador com as addições que lhe parece. Algumas das suas variações são extravagantes; uma é que o leão passára o crocodilo de parte a parte, e se ia escapulir pela porta trazeira, quando Monsieur o grande barão (segundo o favor que me faz) ao tempo que a cabeça apontava, lh'a cortou, com tres pés do rabo do crocodilo! De mais a mais, em tão pouca consideração tem este vilão ruim a verdade, que elle ás vezes acrescenta o que se segue: E logo que o crocodilo sentiu a falta do rabo, voltou a cabeça e arrebatou com tal sofreguidão a faca do mato da mão do barão, que a enguliu, e lhe atravessou o coração, caindo no mesmo instante morto.

A pouca consideração em que este maroto tem a verdade, me faz ás vezes receiar que os meus verdadeiros feitos sejam suspeitos, por se acharem misturados com as suas detestaveis invenções.

CAPITULO II

Sai de Roma em jornada para a Russia no meio do inverno, tendo uma justa ideia de que a neve e o gelo de necessidade devem emendar as estradas, as quaes a maior parte dos viajantes tem descripto pessimas no norte da Allemanha, Polonia e Livonia. Eu ia a cavallo, como o modo mais conveniente de viajar, e ligeiramente vestido, de que senti a conveniencia á proporção que eu avançava para o nordeste. O paiz estava coberto de neve, e eu não conhecia as estradas.

Cansado de andar montado, apeei-me e prendi o meu cavallo a uma cousa que me parecia o tronco agudo de uma arvore, que apparecia em cima de neve: para maior segurança metti as minhas pistolas debaixo de um braço, e deitei-me sobre a neve, onde dormi tão bem, que era alto dia quando abri os olhos. Não é facil julgar qual foi a minha admiração, quando me achei no meio de uma aldeia deitado no cemiterio, e sem ver o meu cavallo, o qual porém logo ouvi rinchar por cima da minha cabeça. Olhei, e vi-o dependurado pelas redeas á grimpa da torre da igreja. Desappareceu immediatamente toda a duvida e admiração; conheci que a aldeia tinha sido coberta de neve no dia antecedente, e que aquillo que eu no escuro tinha supposto ser o tronco agudo da arvore, nada era senão a grimpa da torre.

Sem considerar muito tempo peguei em uma das pistolas, disparei, cortei com a bala as redeas pelo meio, e o cavallo veio para baixo, e eu montei e continuei a minha jornada.

Quando me adiantei para o interior da Russia, conheci não ser moda andar a cavallo no inverno, pelo que me provi de um carro de rojo, e toquei para diante, encaminhando-me a S. Petersburgo. No meio de uma sombria floresta vi um tremendo lobo, que com o aspecto o mais voraz me seguia á desfilada. Alcançou-me n'um instante, e sem fazer caso algum de mim, saltou-me por cima, e atacando furiosamente o cavallo, começou a devorar a anca e quartos trazeiros do pobre animal, que com a dor e o mêdo apressava mais a carreira. Levantei um pouco a cabeça, e vi com horror que o lobo já estava no meio do corpo do cavallo. Tirei d'isso vantagem, e ataquei-o com o cabo do chicote. Este ataque, inesperado na rectaguarda, metteu-lhe tal mêdo, que elle saltou para diante com furia; o resto do cavallo caiu por terra, mas em seu logar ficou o lobo nos arreios: eu da minha parte continuei a tocal-o com o chicote, e contrario ao que ambos esperavamos, entrei de galope em S. Petersburgo, onde ficaram bastantemente divertidos e admirados os espectadores.

CAPITULO III

Uma manhã vi pela janella da minha alcova que um lago pouco distante estava quasi coberto de marrecos, e outras aves aquaticas.

Saltei ao canto, peguei na espingarda, e n'um instante corri pela escada abaixo; mas tal foi a pressa com que ia, que imprudentemente bati com a cara contra a ombreira da porta. Saltaram-me faiscas de lume pelos olhos, mas nada me impediu o meu intento. Pouco tempo medeiou que eu não chegasse ao lago, e com pezar observei que a pederneira me tinha saltado fóra com a violencia do choque que recebi. Não havia tempo a perder. Recordei-me do effeito do choque nos meus olhos, apontei a espingarda á caça, e o punho a um dos meus olhos, tendo a cassoleta aberta. (1) Um bom murro tornou a produzir fogo, a espingarda disparou, e matei cincoenta casaes de marrecos, vinte ganços, e tres pares de cerzetas.

O acaso e boa fortuna emendam muitas vezes os nossos descuidos; d'isto tive eu prova pouco tempo depois, quando no centro de um espesso bosque tive a infelicidade de me encontrar com um javali, ao tempo que nem eu estava preparado para o ataque, nem defeza. Metti-me por detraz de um carvalho no momento em que o furioso animal me atirou um golpe de revés com as prezas, e atirou com tal força, que passaram o carvalho de parte a parte, de sorte que nem podéra repetir o golpe, nem retirar-se. Bello! bello! disse eu commigo, agora veremos; peguei em uma pedra, e com ella revirei as prezas de sorte que as não pôde tirar de modo algum, e viu-se obrigado a ficar até que eu voltasse da aldeia vizinha, onde fui buscar cordas e um carro para o segurar propriamente, e leval-o com vida e a salvamento; o que consegui como esperava.

CAPITULO IV

Eu poderia referir-vos muitos casos estranhos succedidos a caçadores; porém quero antes contar-vos o que a mim aconteceu. Tendo eu um dia gasto todo o chumbo, achei-me inesperadamente na presença de um magestoso veado, que olhava para mim com tanto desembaraço, como se soubera das minhas bolsas vazias. Carreguei logo com polvora, e em cima uma boa mão cheia de caroços de cerejas, de que eu tinha comido a fructa. Assim preparado, fi-lhe fogo e acertei-lhe entre as pontas, ficou atordoado, cambaleou, e comtudo fugiu. Passado um a dois annos fui com alguns amigos caçar no mesmo bosque, e vi um famoso veado, com uma perfeita cerejeira entre as pontas, que pelo menos tinha dez pés de altura. Occorreu-me logo a minha aventura antecedente, considerei-o logo como meu, e com um tiro o estendi, e ao mesmo tempo fiquei senhor do veado, e do môlho (1) de cerejas, pois a arvore estava carregada de fructa, a mais deliciosa que se póde ver.

Ao tempo que me retirava para casa vi um terrivel urso que vinha para mim á carreira, e de bôca aberta; busquei em vão polvora e bala por todas as algibeiras, e nada achei senão duas pederneiras, atirei-lhe com uma com quanta força tinha, e encaixei-lh'a pela guela abaixo. Doeu-lhe, e fel-o voltar para fugir, de sorte que lhe pude acertar com a outra pela porta trazeira, em que fui tão bem succedido, que pareceu maravilha; a pederneira entrou e encontrou a primeira no estomago, feriu fogo, e fez arrebentar o urso em mil pedaços, e com um terrivel estrondo. Ainda que escapei por esta vez, não desejo comtudo que cousa similhante me torne a acontecer, nem encontrar-me com ursos sem outras munições.

O mesmo expediente não me teria servido contra um cão damnado, que pouco tempo depois me perseguiu em uma estreita rua em S. Petersburgo. Corra quem póde, disse eu commigo, e para melhor fugir larguei o meu capote de pelles, e n'um instante me metti em casa. Mandei depois buscar o capote pelo meu criado, que o metteu no guarda-roupa entre os mais vestidos. No dia seguinte me assustou o meu criado, gritando:—Pelo amor de Deus, senhor! venha acudir, que o seu capote está damnado.—Subi depressa a escada, e achei quasi toda a minha roupa estragada, e feita em pedaços. O rapaz tinha razão a respeito do capote, que actualmente estava damnado, e com os olhos o vi atacar um vestido de gala que rasgou, e sacudiu sem misericordia.

CAPITULO V

O ter eu escapado tantas vezes com felicidade, e por tão pouco, tudo devo a um grande esforço e presença de espirito, de sorte que com effeito posso esperar ser lembrado na floresta, na estrada e no campo. Não fallarei aqui da minha cavallariça, matilha ou casa de armas: é-me porém impossivel deixar de mencionar uma famosa cadella que eu tinha; era galga, e nunca tive nem vi cousa melhor. Ella envelheceu no meu serviço, e não era notavel pelo tamanho, mas sim pela sua extraordinaria ligeireza. Eu caçava sempre com ella e ella correu tão velozmente tantas vezes, e tantos annos no meu serviço, que actualmente lhe cairam as pernas, de modo que na parte final da sua vida, só me servia d'ella como furão, e n'esta qualidade serviu-me ainda annos.

Caçando um dia uma lebre, que me parecia

(1) Os olhos do barão conservaram sempre fogo desde então, e são particularmente illuminados quando elle conta esta anecdota.

(1) Em Inglaterra fazem môlho de cerejas a veação.

extraordinariamente grossa, tive dó da minha cadella, que então estava prenhe, e comtudo corria tão velozmente, que eu a cavallo só a pude seguir muito de longe. De repente ouvi um alarido como de uma matilha de cães, porém tão fraco, que eu não sabia o que imaginar. Cheguei finalmente a avistal-a, e grande foi a minha surpreza. A lebre tinha parido na fuga, e o mesmo tinha succedido á minha cadella no curso, e havia tantos lebrachos como cachorros

O instincto fazia fugir os primeiros, e o mesmo fazia caçar os segundos; assim no fim de uma caçada que tinha principiado com uma cadella e uma lebre, me vi senhor de seis lebres e igual numero de cachorros.

Lembro-me d'esta estimavel cadella com a mesma satisfação com que me lembro de um soberbo cavallo de Lithuania, que não havia dinheiro que o pagasse. Um acaso o fez meu. Eu achei-me um dia na nobre casa de campo do conde Pozobsky em Lithuania, e tinha ficado a tomar chá com as senhoras na sala, e repentinamente ouviram-se vozes lamentaveis; eu desci a escada a toda a pressa para ver o que era, e vi um cavallo tão bravo, que ninguem ousava chegar-se a elle; a tristeza e o susto se manifestavam em todos os semblantes. De um pulo saltei-lhe em cima, apanhei-o de sobresalto, e pu[illegible] pratica toda a minha picaria, tanto que [illegible]le o que quiz. Para mostrar isto melhor [illegible]nhoras fil-o saltar por uma das janellas [illegible]a dentro, e passei-o varias vezes á r[illegible]esa, e depois o fiz andar de trote e [illegible]nalmente, o obriguei a saltar [illegible] da [illegible] para alli repetir a sua lição [illegible]um bel[illegible]vlo de miniatura, que em [illegible]o satisfez as [illegible]enhoras, porque o fez mui [illegible] feito, e ne[illegible]brou chicara nem pires. [illegible]nto as senhor[illegible], c[illegible]o o nobre fidalgo, conceberam tão alta [illegible] o de mim, que elle com a sua costumada [illegible]z instou commigo de aceitar o cavallo, [illegible]r a toda a brida para conquista e gloria [illegible]panha contra os turcos, que então se ia [illegible] debaixo do commando do conde de Mu[illegible].

Entre outros mot[illegible] que produziram esta guerra, um parecia o intento de restabelecer [illegible] das arm[illegible]as, que tinha padecido [illegible] campanha de Pedro [illegible], [illegible] o [illegible]th, e isto chegamos completamente a con[illegible]gir em novas campanhas, igualmente fatigaveis [illegible]honrosas, debaixo do grande generalissimo [illegible]cionado.

Vimo-nos quentes uma vez na vanguarda do exercito, quando obrigamos os infieis a recolherem-se em Oczakow. O meu estimavel cavallo ia-me quasi pegando uma peça fatal.

A sua ligeireza me fez ser o primeiro que os seguia, e vendo eu que os inimigos fugiam pela porta opposta á que tinham entrado, pareceu-me prudente fazer alto na praça para aquartelar, e dar ponto de reunião ás tropas. Parei, porém os senhores poderão julgar da minha inquietação quando me achei só, e sem avistar ninguem dos meus hussares. Chegando-me a uma fonte para deixar beber o cavallo, reparei que elle bebia immensa agua, e com uma sofreguidão insaciavel, o que não era mais que natural; porque voltando o rosto para ver se apparecia alguma gente, que lhes parece que vi? estavam as pernas e anca do cavallo separadas como se fossem cortadas á faca, e a agua corria para fóra como entrava, sem o refrescar ou fazer bem algum! Como tinha succedido era mysterio para mim, até que voltei com elle para a porta da cidade, e alli vi que, quando eu entrei troxemôxe com o inimigo fugitivo, tinham deixado cair a porta levadiça, que tinha separado quasi ametade do cavallo, que ficara fóra da porta, e ainda se movia. Isto teria sido uma perda irreparavel para mim, se o nosso alveitar não tivera unido as partes emquanto estavam quentes, cosendo-as com varinhas de louro novas, que alli achou á mão; a ferida sarou, e o que é impossivel succeder a outro cavallo senão ao meu, as varinhas crearam raizes no seu corpo, cresceram e formaram um pequeno bosque por cima de mim, de sorte que fui a muitas outras expedições á sombra dos meus louros, e dos do meu cavallo.

Pouco depois se fez a paz com os turcos, e eu obtive a minha demissão, e deixei S. Petersburgo e a Russia.

Na volta achei maiores inconvenientes nas estradas do que tinha experimentado na ida.

Eu viajava pela posta, e achando-me em um caminho estreito, mandei ao postilhão que désse signal com a corneta, para não sermos embaraçados por outros viajantes n'esta estreita passagem.

Elle assoprou com quanta força tinha, e tudo foi em vão, porque nenhuma voz saía da corneta; pareceu-me isto mui estranho, e não deixou de produzir o seu inconveniente; d'alli a pouco encontramos outro coche, e ambos ficamos impedidos de passar por alli; eu saltei, comtudo, fóra do coche, e tendo alguma força peguei n'elle, rodas e tudo, pul-o na cabeça, saltei então por cima de um muro que tinha nove pés de altura (o que por causa do peso do coche achei um pouco difficil) e passado o outro coche, que ficava na estrada, tornei a saltar, e fui então buscar os cavallos, e pondo um á cabeça metti o outro debaixo do braço esquerdo, tornei a saltar, e levei-os á estrada; continuei então a minha jornada para a estalagem onde havia de se fazer muda. Tomamos ahi algum refresco, e o postilhão dependurou a corneta n'um prego junto ao fogão, e eu assentei-me defronte.

De repente ouvimos: Terém! terém! tem! em! ambos abrimos grandes olhos, e agora é

que achamos a razão por que o postilhão não pôde fazer soar a corneta; os sons ficaram gelados dentro, e começavam a sair derretidos pelo calor do fogão, e para grande credito do tocador, porque sem lhe pôr bôca, divertiu-nos um grande intervallo com varias marchas, etc., a saber: a do rei da Prussia, dois solos, algumas polkas e walsas; finalmente, acabou-se o divertimento como eu acabo a breve narração das minhas viagens na Russia.

N. B.—Ha viajantes que muito exageram, e por conseguinte faltam á verdade, pelo que, se houver algum entre vv., que duvide do que tenho dito, só lhe direi: que me compadeço da sua falta de fé, e lhes rogo que se retirem antes que eu dê principio á segunda parte das minhas aventuras, pois são tão rigorosamente fundadas na verdade como as primeiras.

FIM DA HISTORIA.

VENDE-SE MAIS EM CASA DE A. R. DA CRUZ COUTINHO

Auto do Dia do Juizo.
Auto da muito dolorosa Paixão de nosso Senhor Jesus Christo, conforme a escreveram os quatro Evangelistas, pelo padre Francisco Vaz de Guimarães.
Auto da Vida e Milagres de Santo Antonio de Padua, da Ordem de S. Francisco, natural de Lisboa.
Auto de Santa Catharina, virgem e martyr.
Auto de Santa Genoveva, princeza de Brabante.
Auto de Santa Barbara, virgem e martyr.
Auto de Santo Aleixo, filho de Eufemiano, senhor de Roma.
Auto novo e curioso da Padeira de Aljubarrota, por Diogo da Costa.
Astucias subtilissimas de Bertoldo, villão de agudo engenho e sagacidade.
Confissão geral do marujo Vicente.
Contos de Fadas e Lobishomens.
Cornelia ou a Victima da Inquisição.
Grande Milagre que fez nossa Senhora do Monserrate na companhia do Menino Jesus.
Grande Milagre que fez nosso Senhor Jesus Christo a uma mulher que vivia nas montanhas.
Historia da Princeza Magalona, filha de el-rei de Napoles, e do nobre e valoroso cavalleiro Pierres, Pedro de Provença.
Historia da Imperatriz Porcina, mulher do imperador Lodonio de Roma.
Historia do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França, por J. A. R.
Historia da Donzella Theodora, em que se trata da sua grande formosura e sabedoria, por Carlos Ferreira, lisbonense.
Historia de João de Calais.
Historia do Grande Roberto, duque de Normandia e imperador de Roma.
Historia dos amores de Mathilde e Maleh-Adhel, ou memorias extrahidas das cruzadas.
Historia da vida e feitos do engenhoso fidalgo D. Quixote de La Mancha.
Historia curiosa da vida do Conde de Castella, e dos sete Infantes de Lara.
Historia de Paulo e Virginia.
Historia jocosa dos Tres Corcovados de Setubal: Lucrecio, Flavio e Juliano.
Historia verdadeira de D. Francisca do Algarve.
Malicia das mulheres.
Nova Castro, tragedia de João Baptista Gomes Junior; nova edição.
Palavras Santissimas, e armas da Igreja, contra os raios, trovões, terremotos, pestes, e tempestades.
Simplicidades de Bertoldinho, filho do sublime e astuto Bertoldo.
Testamento que fez Manuel Braz, mestre sapateiro.
Tragedia do Marquez de Mantua, por Balthazar Dias.
Viagens e aventuras incriveis do celebre Barão de Kacaracá.
Vida e famosas acções do celebre Cosme Manhoso.
Vida de Cacasseno, filho do simples Bertoldinho, neto do astuto Bertoldo.
Versos á Sagrada Paixão de Jesus Christo, e das sete Dores de nossa Senhora.
Versos á Sagrada Paixão do Divino Redemptor, e á Senhora da Piedade.

Tambem se vendem: Alphabetos, Taboadas, Cartilhas do abbade de Salamonde, Catecismos de Montpellier, Pautas, Traslados, Procurações, e um grande sortimento de Entremezes de todas as qualidades, etc., etc.

TYPOGRAPHIA DO JORNAL DO PORTO—RUA FERREIRA BORGES, 31